



Interview with Raul Indipwo

<http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.moorman0001>

<http://www.aluka.org/struggles>

Your use of JSTOR indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.

Interview with Raul Indipwo

Repository	Private Collection
Collection	Moorman Interviews (Angola)
Author	Moorman, Marissa J. (Interviewer) Indipwo, Raul (Interviewee)
Date	2001-08-10
Resource Type	Interviews
Language	Portuguese
Topic	The Colonial System And Its Consequences Social Impact Cultural Impact Popular Resistance Cultural Resistance Anti-Colonial Organizations Exile Politics And Strategies
Coverage (spatial)	Angola
Coverage (temporal)	1950 - 2000
Attribution	By kind permission of Marissa J. Moorman.
Description	Raul Indipwo, one of the two musicians in the band Duo Ouro Negro, discusses his youth in Angola, their career and its international scope, the music scene in Angola in the 1960s and 1970s, and their connection with nationalist leaders.

<http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.moorman0001>

Raul Indipwo, aos 10 de Agosto de 2001, Hotel Presidente, Luanda, Angola

RI: Eu nasci no sul de Angola. Fui batizado na missão de Huila, na Chibia, e meu pai era funcionário e eu vivi em muitos sítios de Angola. Até os 4 anos fiquei na Chibia. Aos 5 vim para Luanda e para Malange aonde fiz a escola primária - em Nova Gaia - fiz a escola primária e na minha escola primária apareceu-me a segunda pessoa muito importante na minha vida, foi a minha professora que se chamava Dona Alice de Sousa Santos, ela era de família de São Tomé e de Angola, era Angolana negra e tinha estudado na cidade do Porto em Portugal. Foi ela que me ensinou a gostar da música regional que eu nunca tinha escutado ali na zona de Malange. E a primeira música que ela me ensinou cantar foi uma música portuguesa traduzida para kimbundo que se chamava TIROLIRO,[ele canta em kimbundo]..... e eu fiquei espantado “que bonito”..... “lá em cima está o tiroliro liro e cá em baixo está o tiroliro la, juntaram-se os dois a esquina a tocar a concertina a dançar o salidão”.....e foi ela que me falou de miscegenação da cultura crioula, falou-me de muitas coisas, da minha raça mista e realmente eu digo que foi a segunda grande pessoa importante na minha vida porque a primeira pessoa importante na minha vida foi a minha mãe. E depois na minha infância nós eramos estimulados, eramos estimulados a aprender as línguas nativas, as músicas nativas, a aprender tudo que nos rodeava, eramos estimulados mesmo. E então a noite a minha mãe tocava violão, o meu pai também guitarra e nós cantávamos. Cantávamos músicas portuguesas, músicas de Angola que nós aprendíamos. E a minha infância foi assim.

Depois mudei para Benguela e fui para o colégio, então em Benguela é que eu abri realmente o coração para o mundo. Foi lá que tive os primeiros amigos importantes, no colégio. Foi lá que eu vi também as primeiras coisas muito importantes e depois, isto é a minha produção muito rápida e depois fui para o Huambo também, e no Huambo fala-se a mesma língua nacional que em Benguela - o Umbundo - e continuei a aprender, porque sempre interessei-me muito por etnografia, sempre me interessei muito por tudo quanto era da minha terra. Depois voltei para Lunda, mais crescidinho e então aí fiquei deslumbrado, estaziado, com a cultura dos Tchokwe, como também falo Tchokwe. Aprendi muitas coisas.

MM: E foi com sua família?

RI: Não, aí já fui sozinho. Fui ter com um irmão meu mais velho que eu. E então meu irmão era caçador e comerciante. Tinha cantinas em Kitakue, no Mukunba, no Funbeji na Baixa de Kassange e então eu ia com ele. Ia com ele e sempre que se proporcionava eu ia ver os rituais do Mukanda que é a circuncisão. Ia ver tudo que realmente eu podia aprender: tchianda, os ritmos, escrevi muito sobre a música regional; fiz um apanhado das canções de ritual mais importantes e comecei a canta-lás e aprendi também a tocar quissange e os vários ngomas, sasa, pema, o mukundo, o ngunvu, tudo isso. Aprendi também a tocar a quitiba e massaxe.

MM: Quitiba é o quê?

RI: Quitiba é uma espécie de contrabaixo mas feito em bordão, é como se fosse um quissange mas feito em bordão e que dá os tons do baixo, o quissange está a solar e aquilo “tiguililili”e o que

“tum dum, tum dum, tum dum,” baixo, sempre cá pra baixo. E depois comecei a misturar, a traduzir as músicas e a cantar em português, embora a métrica fosse diferente, combinava.

MM: E isto foi em que ano?

RI: Hummm... isto foi nos anos 50, nos anos 50 e depois nos anos 50, finais dos anos 40, pra 48, 49 e depois os anos 50. Depois em '56 eu fui para o Uige, em '55 alias, fui para o Uige e encontrei a cultura Bakongo e Kikonga, mas era tudo diferente, diferente e então aproveitei também para estudar, eu ia para Catalanbanza, para Candombe - que eram uns bairros nativos - ia ouvir música, ia dançar, ia aprender e isto. Depois reencontrei o Milo e formamos então o Duo Ouro Negro e quando formamos o Duo Ouro Negro um dos nossos objectivos mesmo era divulgar a música de Angola. E começamos, estreiamos na Restauração em Luanda, no dia 7 de Junho de 1957. Depois estreiamos com muito sucesso, muito sucesso. Depois o empresário português, Ribeiro Belga, ouviu-nos cantar e convidou-nos para ir cantar a Lisboa. Nós fomos cantar a Lisboa no cinema Roma e no Casino Estoril e fizemos televisão e rádio e depois um empresário da Escandinávia ouviu-nos cantar gostou muito e nos contratou. E nós fomos para Copenhagen, para Tivoli, para Estocolmo, pra Berns, para Helsinkia, pra Marski e para Hadlin e fomos a Turko, Abo e fomos também a Leningrad - na altura se chamava Estalingrad – St. Petersburg, isto em 1961 e '62.

MM: E tinha quantos anos na altura?

RI: Eramos jovens. Olha eu hoje tenho 65, em '62 tinha quê?Tinha 25, sim 25 e então, entretanto em Angola tinha começado a guerra colonial e nós viemos de Angola.

MM: Vocês na altura que rebentou aqui estavam lá fora?

RI: Estávamos lá, mas já sabíamos muitas coisas. Estávamos lá fora e nos encontramos lá fora com uns políticos, com Mario Pinto de Andrade, com Agostinho Neto, com Viriato da Cruz, com muitos, com muita gente da nossa política.

MM: Mesmo naquela viagem?

RI: Não, nessa viagem era tudo muito...era tudo, tudo...muito inocente. Depois viemos à Angola e realmente as coisas não estavam nada engraçadas aqui. Nós estivemos aqui com Dr. Agostinho Neto em '59 aqui em Luanda e depois é que fomos para a Filandia e não sei o quê. E depois fizemos base em Zurich, na Suíça. Ficamos em Zurich - era a nossa base - e nós de Zurich iamos para Gastad, St. Moritz, Cortina de Anpezzo, Controsina, iamos a Paris mesmo e voltávamos. Depois voltamos à Portugal para poder-mos voltar à Angola. Viemos à Angola e foi realmente quando começou a nossa grande carreira. Tomamos a tomada de consciência e nós ficávamos muito aflitos, como é que aqui as pessoas não davam tanta importância às coisas, como nós davamos.

MM: Isto foi então '62.....

RI: '63, '64 e então cantamos pela primeira vez em Paris no Olimpia em '63 e depois a partida do Olimpia pronto! Olha, cantar no Olimpia em Paris, para Europa é mesma coisa que nos Estados Unidos cantar no Lincoln Center ou no Carnegie Hall que nós cantamos depois, né?, é a mesma coisa. Depois começamos a ter uma vida muito agitada, a nós convidarem pra ir cantar em todo, cantamos no Royal Albert Hall, em Londres, cantamos no Savoy, cantamos em

todo sítio. Cantamos na Royal Variety para rainha. Então nós aproveitamos todos os nossos espectáculos para divulgar a música de Angola, alias o nosso objectivo mesmo era esse. Eu sou compositor e arranizador e então compunha muita música e lembro-me que um dia em '65 viemos à Angola e eu compus uma música que é "Amanha vou acender uma vela na muxima," e ficou um hino. Toda a gente cantava. Ainda hoje começo a cantar e todo mundo canta comigo porque era uma música nova, uma música de esperança, uma música que cheguei a ser chamado aqui pela inspecção dos espectculos por causa da letra porque a letra é uma canção de esperança: "Amanha vou acender uma vela na muxima/ amanha levo para os meus santos flores de acaçia/ amanha peço para toda gente que me estima/ amanha peço para o novo dia que vira/ amanha peço a mulemba que faça com que eu volte a morrer na terra amada que me viu nascer/ quero chegar de madrugada para ver o sol raiar/ quero chegar de madrugada para ninguem ver se eu chorar/ vou andar por ai com o meu violão/ vou a mutamba tomo um machinbombo qualquer por apunhanã que sou igual a toda gente/ e com a minha gente"....a eu já não me lembro como é... "de madrugada com catembe e caguitas za za za za sangazuza" e por ai não sei o que era que a gente dançavamos na época. Quis com isto dizer que tinha esperança porque havia uma independência que estava próxima, uma valorização da pessoa humana que estava próxima, uma igualdade de direitos por isso é que eu digo "tomo um machinbombo qualquer por apunhanã que sou igual a toda gente" e as pessoas captaram essa mensagem alias todas as músicas que eu escrevia tinha todas uma pequena mensagem. Umas eram proibidas, outras não eram proibidas.

MM: E quais foram proibidas?

RI: Muitas, muitas, foram muitas proibidas. Nem me lembro quantas, mas a gente cantava na mesma. Depois então o grande salto foi quando da Columbia Arts Management, Nova York, o Shelton Goldwyn, que agora esta na Europa, ele veio a Paris e viu-nos cantar e então nos contratou para ir-mos cantar aos Estados Unidos. Antes dos Estados Unidos nós fomos ao Canada inaugurar em Montreal, o teatro Maison Nuf, o Place des Artes e depois fomos então para os Estados Unidos e cantamos no Waldorf Astoria no Judge Room e ai assinamos um contrato com a Columbia Arts Management e a partir dai foi tudo: Lincoln Center, Carnegie Hall, a primeira tournée fizemos 58 concertos em 58 cidades.

MM: Uaauu é muito.

RI: Para nós tão bom, mas tão bom, conhecer os Estados Unidos, sabe? E tenho uma ideia exacta dos Estados Unidos, todos os anos iamos lá, fizemos o Ed Sullivan show, fantástico, depois fizemos coisas muito importantes que eu considero, cantamos no Hollywood Bowl. por exemplo. Ficamos extasiados, nos fomos assistir a primeira a Woodstock e quando voltamos para Portugal eu escrevi um espectáculo que é o Black Ground. Black Ground que é o Campo Negro que é a história da música Africana. É uma obra muito bonita, muito boa, fui premiado varias vezes com essa obra e estavamos para ir aos Estados Unidos com Black Ground, ir para Broadway para um teatro, quando meu irmão adocece e depois quando veio a falecer e não fomos mas já é um espectáculo extraordinário a história da música Africana que saiu daqui com a escravatura, os Portugueses com os descobrimentos, o arquipelago de Cabo Verde era entreposto onde todos os escravos se concentravam e então os escravos da China viam através de Macau, os escravos da India que viam de Goa de Mondiu, os escravos de África, era tudo, ficavam todos ali em Cabo Verde. Os escravos para comunicar um com os outros começaram a usar a lingua do dono, o português, e depois cantavam as suas melopeias, então

houve uma mexislação, uma mistura e subsistiu principalmene a parte Africana que era Lundo ou Dundo, então do Lundo ou Dundo nasceu a morna de Cabo Verde, a milonga da Argentina, o samba canção no Brasil, e a ceresta no Brasil, o fado em Portugal, o blue na America, depois surgiu o jazz, o gospel, o malambo, o semba transformou-se, o semba que é daqui de Luanda, transformou-se em samba. E nesse espectáculo, o Black Ground, nós exemplificavamos como era. Tinhamos 15 músicos, muitos bons, um dos nossos baixistas era americano, Steve Neon, que era muito bom, e tinhamos bailarinos e cantores, era um espectáculo realmente maravilhoso que eu gostava que um dia eu por outra vez em cena porque é um espectáculo que merece ser visto pelos Africanos, pelos Americanos, por toda a gente que foi subjugada pela música Africana, alias a música em Africa é o principio das coisas. Foi um dos trabalhos que me deu mais gozo fazer foi realmente o Black Ground e depois fui fazendo outras coisas. Fiz uma ópera, "A mbaita", nunca chegou a ser cantada mas nós gravamos muitos certos, que é o Mulova África e foi editado nos Estados Unidos, o nosso primeiro disco em 1970, pela United Artists, e o disco chamava-se The Music Africa Today e foi o nosso primeiro disco d'ouro. Estivemos no top em vários sítios, em São Francisco, Sacramento, na California estivemos no top, estivemos no top com cd do Africa Today e depois foi um disco que foi muito acompanhado e foi considerado um clássico Africano, eu ainda hoje vou ao Estados Unidos cantar por causa desse disco e do Mulova África e dum outro que também que saiu. Eu estive este ano em Março,

cantar no Boston Filarmonic Hall e em Philadelphia, e para o ano que vem Fevereiro e Março vou ao Estados Unidos fazer mais concertos, para os americanos. Eu gosto muito, gosto muito de cantar, gosto muito, já cantei em toda parte do mundo, na Australia, no Japão, na China, na Russia, cantei no Bolshoi, um sítio onde todos os artistas gostam de cantar, eu cantei e agora estou aqui na minha terra a comemorar 50 anos de carreira. Eu tenho uma fundação, uma fundação de solidariedade. Eu trabalho para crianças deficientes e orfãos de guerra e estropiadas e a minha fundação também ajuda na formação humana, cultural e técnica de jovens, de adolescentes e jovens. Mas eu gosto mais é mesmo do campo artistico.

MM: Eu vi uma vez o vosso website da fundação.

RI: Sim, sim e temos uma escola de música, uma escola de pintura, uma galeria de arte, uma escola de artes e oficios.

MM: Em Lisboa?

RI: Sim em Lisboa, eu agora aqui estou muito interresado em fazer trabalho com jovens, por exemplo quero fazer duas orquestras filarmônicas por exemplo, grupos de teatro, quero fazer o Batoto Yetu aqui, aquele grupo juvenis e ao mesmo tempo escola cantada. É uma inovação, escola cantada é fantastico e vamos lá ver o que é que eu consigo, eu sou um homen de muitas convicções sabe, Sagitario...e pronto.

MM: Hamm, coitado Sagitario...

RI: E pelo menos estou muito interresado, muito interresado e muito entusiasmado em fazer tudo isto, vou aproveitar, eu vou hoje a Lisboa, tenho três espectáculos para fazer, dia 14, 15 e 16 de Agosto, depois volto e vou ficar aqui não sei até quando, venho com o tempo todo para mim, vou cantar a Benguela, Lobito, vou ao Sumbe, vou ao Lubango, vou a Cabinda e em Luanda claro e....

MM: E vai cantar aqui em Luanda?

RI: Sim vou cantar aqui em Luanda.

MM: Ainda Bem...

RI: E vou começar também com a minha fundação. O lema da minha fundação é: minha terra é grande, mas será maior, se eu a fizer crescer." Então se todos nós fizemos um bocadinho é bom e eu tenho uma parte para fazer. Tenho muita pena do Milo não estar vivo, ele ia adorar estar aqui e eu não consigo deixar de pensar nele, né? E os dois iam fazer um trabalho lindissimo, sim vamos lá ver o quê que eu faço sozinho mas também estou preparado para isso.

MM: Então sobretudo tem vivido em Lisboa?

RI: A minha base é Liboa mas eu paro pouco em Lisboa, eu estou sempre, por exemplo este ano eu estive em Dakar, em Abidjan, em Lagos, Conacre, em Bissau, em África, estive em Paris, em Londres, estive em Pokinhac, estive em Frankfurt, em Bremen, Hamburg, Polonia, estive em Istanbul. Pronto eu agora também tenho que parar um bocadinho e fazer outras coisas, não é?

MM: Não sei se podemos recuar um bocado...

RI: Sim....

MM:Falou do seu pai, era funcionário. Os seus pais eram de onde?

RI: Minha mãe é de cá, meu pai era Angolano, é Kwanhama, nasceu no Kwanhama, meu pai é decendentes de familias Kwanhamas e a minha mãe é descendentes de familias Europeias, tudo, Madeira, França e uma bocadinho Austriaco, tem um sanguinho Austriaco também, uma mistura muito grande, alias portugueses misturaram-se muito e também tenho um sangue Egipto remoto ainda pelo lado do meu pai.

MM: E o seu pai era funcionário público então?

RI: Português sim, serviços de saúde e depois foi para Portugal, ele foi militar.

MM: Disse que a sua mãe foi a pessoa mais importante na sua vida. Porque? O que é que ela fez?

RI: Sim, vou lhe dizer, a minha mãe casou com meu pai numa epoca em que não havia tanto esta coisa de uma mulher branca casar com um jovem negro. Então a minha mãe casou e então eu acho que é uma mulher fantástica. Eram 12 irmãos, todos muito bonitos, minha mãe era uma mulher linda, era não, é, ela vive comigo, tem 90 anos, sim vive comigo, foi uma grande educadora, a nossa mãe foi fantástica: a forma que nos educou, ensinou-nos música...

MM: E vocês eram quantos?

RI: Eramos 4 filhos e mais 8 primos que estavam todos lá em casa, 8 não, 2 eram como se fossem nossos irmãos que estavam lá em casa...

MM: Ya, ya, ya, primos, eu também tenho primos assim...

RI: É tão bom. Meu pai morreu muito cedo, nós eramos miúdos, eu lembro-me muito bem do meu pai e lembro-me de coisas que ele me dizia, ele me dizia sempre assim: [eu] “ai pai o Rui não me quer ajudar (que era o meu irmão)”...o meu pai dizia assim... “se queres uma ajuda sem que te peçam nada em troca, procura na extremidade do teu braço, se queres uma mão que te auxilia, sem te pedir nada em troca, procura na extremidade do teu braço.” E quando eu começava a divagar, a fazer perguntas e a dizer coisas, meu pai dizia, “tu és um cabeçudo” - porque eu pensava muito, eu gosto de pensar, meditar, sou muito espiritualista e considero que não adianta ambicionar-mos a matéria, porque a matéria fica, e a matéria devemos partilhar com os outros o mais que pudermos, porque o que fica realmente é o espírito, eu sou muito espiritualista.

MM: Desde miúdo?

RI: Sim, desde miúdo. A minha colher do matabicho estava gasta por meio, porque eu ficava assim...[risos]...meu pai chega e dizia: “o que é isto?” [Eu]: “ó pai, o que é que tem atrás da nuvem?” Ou “o que é que tem atrás do sol?” Ele só dizia: “este meu filho!” Eu comecei a escrever - era muito pequenino, era muito pequenino mesmo - quando comecei a escrever tinha prai 4 anos, quando eu comecei a escrever mas a copiar no jornal e a escrever e a perguntar o que é que era, o que queria dizer aquela palavra e minha mãe explicava e o meu irmão mais velho, tinha o meu irmão mais velho o Zeca, Zeca era o meu irmão da parte do pai, era o nosso professor. Nós íamos para a escola absolutamente preparados.

MM: E o seu pai falava Kwanhama?

RI: Sim, e a minha mãe, a minha mãe falava Kwanhama, Mumuila. A minha mãe, a minha avô, a minha avô - mãe da minha mãe - a minha mãe tem 90 anos, a minha avô ja nasceu no Lubango e a minha bisavo nasceu também cá. Portanto a minha bisavo nasceu em 1830, a minha avô era a filha mais nova de 14 irmãos e nasceu 1880, 70 e qualquer coisa por ai, a minha mãe nasceu em 1911, todos no Lubango, na Chibia, no Hunde ou nos Cambos, na Kihita, tudo lá no Sul. Então falavam todos Mumuila, Kwanhama e a minha mãe nos ensinava também, pois vínhamos para Benguela...

MM: Mesmo sendo com o seu pai funcionário público?

RI: Sim, sim...

MM: Pelo menos em Luanda as pessoas com pais funcionários não falavam, era aquela coisa que a avô falava mas o pai dizia para não falar...

RI: Sim, mas isso era um preconceito que havia aqui...

MM: Mas em Luanda...

RI: No sul nunca houve este preconceito, não, não, nós falamos tão bem, é tão bom poder falar a...porque...

MM: Eu estou aqui numa luta para aprender um bocado de kimbundo e é difícil encontrar alguém para me ensinar...

RI: Difícil, haa...

MM: Consigo uma palavra ou outra, consegui fazer o curso mas a professora não...

RI: E uandala kizuela Umbundo.....eu perguntei o que é que gostavas de falar (em português). E depois sabe o que é? as línguas nacionais são muito musicais. É muito fácil de aprender. São diferentes uma das outras. Eu gosto muito de falar Tchokwe. Tchokwe e Umbundo. Umbundo é muito musical, muito calmo...ove uanhada pie...eii pie, pie, sim o Bamgalo já mais... rukuia cuare...é muito cultural, o Bamgalo é ali zonas dos Bamgolos da Baixa de Kassange, da zona dos Camassas.

MM: E vocês cantavam muito em línguas nacionais?

RI: Em línguas nacionais, sim muito, até a cantar-mos...[faz sons com a boca]...tentamos...

MM: E qual era a motivação para isso? Disse que...

RI: A motivação, ser-mos de Angola e querer-mos divulgar a nossa música que as pessoas não conheciam. Por exemplo, aqui em Luanda não conheciam a música do sul e depois também não havia discos, não havia nada disso. E nós ficávamos deslumbrados. Por exemplo, as minhas referências musicais daqui da zona de Luanda são, Liceu Viera Dias, Carlos Aniceto, que nós chamávamos tio Liceu é o Ngola Ritmos e depois tem outros grupos que me lembro perfeitamente: a Garda, o Trio Assis. Houve um homem que fez um trabalho muito bonito sobre folclore que era o Luis Montez...sim, o português...tivemos gente muito importante e depois começamos a ler os nossos poetas. Benguela é a terra dos poetas. Benguela é uma terra de uma riqueza cultural extraordinária pa! Embora eu não tenha nascido em Benguela, Benguela é a minha terra, percebe, fui lá realmente que eu abri os olhos para a vida. Fui lá que eu comecei [a ver] o que era Angola, foi lá.

MM: O que é que era Angola então?

RI: Foi lá que eu comecei a ver que Angola era uma terra tão grande, tão grande, e com tanta gente bonita, tanta gente capaz. E com um pulsar de coração tão forte e tão diferente que devia singrar por si também, percebe? Alias isso foi incutido sempre pelo meu pai, o meu pai sempre nos disse que o colonialismo atrofiado, atrofiado a cultura dos povos, éramos obrigados a saber em primeiro lugar coisas dos outros em vez de saber-mos as nossas em primeiro lugar e depois estudar a dos outros percebe? Mas pronto...

MM: E como era o ambiente cultural em termos da música em Benguela na altura?

RI: Hamm, nós, tínhamos tertúlias naturais. Nós tínhamos tempo, encontrávamos num jardim, havia um que tocava violín, outro que tocava harmónica de boca, outro tocava violão.

MM: Com colegas da escola? Ou com vizinho? Kotas?

RI: Com colegas da escola, vizinhos - não interessa. Benguela é uma cidade onde as pessoas depois do jantar vinham para o passeio da rua, sempre punham lá as cadeiras e ficavam ali a conversar né? E depois os outros vizinhos vinham e hammm e ficavam ali a tomar um café ou iam na outra....Benguela era uma cidade de tertúlias, percebe. Em Benguela a primeira vez que eu ouvi falar de "maçonaria" foi em Benguela - que nós chamamos os kudibecas, kudibeca - e então perguntei ao meu pai e o meu pai explicou-me o que era. E eu perguntei ao meu pai, pai tu também es? Ele perguntou-me assim, que te parece? Eu, pronto, e foi assim. Benguela foi a

cidade onde o Governo Português - Estado Novo - nas eleições perdeu. Foi a primeira vez que eu vi uma greve, foi em Benguela, greve ao cinema. Havia um cinema, Ferreira Pires, aumentou só bilhetes e população resolveu greve ao cinema. ninguém mas foi. Eu não sabia o que era greve. Em Benguela os mais velhos compartilhavam com os mais novos a sabedoria - é muito importante isso - explicavam-nos as coisas e como era uma cidade mais pequena havia tempo para estas coisas todas.

MM: Também tocavam música nos cinemas? Como faziam aqui.

RI: Sim, sim, sim, teatro, eu vi, a primeira vez que eu vi um circo foi em Benguela, o Circo Ferrone. Vi muitos artistas portugueses, vi a Merita Casimiro, vi a Amalia - até lhe deu um ramo de flores quando ela foi lá - e fiquei fascinado e tem graça que no meu interior tinha uma voz que sempre dizia a ela, tu vais longe, tu vais longe, sempre, que eu chamo o H, quando eu dizia uma coisa qualquer, mas quem é que te ensinou, minha mãe perguntava, quem te ensinou isso? Eu dizia foi o H, quem é o H? Um amigo. Agora a música hoje em dia generalizou para os Kassav, os Kassav, vieram cantar aquele ritmo deles - o zouk - e os países Áfricanos todos copiaram, todos. Hoje em dia ouves uma música e se não perceberes a língua tu não sabes se é de Cabo-Verde, se é da Guiné, se é de Angola, se é de Mocambique, se é da Nigéria, não sabes...

MM: Em termos de ritmo...

RI: Em termos de ritmo é sempre [faz sons de boca] e no meu tempo não era assim, no meu tempo nós diferenciávamos a música. Temos cantores extraordinários! Temos músicos muito bons, por exemplo, eu tenho as minhas preferências eu gosto muito do Elias Dia Kimuezu - Elias -Dia Kimuezu para mim é um símbolo, né? gosto do Lamartini, são tipo de cantores diferentes, Lamartini, o Cirineu e depois temos outros mais urbanos, percebe e depois temos outros mais intelectuais, por exemplo gosto muito do Filipe Mukenga, gosto do Rui Mingas muito, do Andre, o Valdemar Bastos e a um grande comunicador chamado Bonga. Isso é verdade, o Bonga é um comunicador fantástico. Eu gosto muito dele, muito mesmo, e acho que todos unidos fazemos um trabalho muito bom e somos diferentes uns dos outros.

MM: E quando foi a primeira vez que ouviu o Elias cantar?

RI: O Elias, haaa no início ainda do Elias, lembro-me tão bem no Chá das 6, no zão, zão, zão...

MM: Em Benguela? Ou aqui?

RI Cá em Luanda...

MM: Ham, era um dos espectáculos aqui...

RI: Sim, em Luanda. O Elias começou depois de mim, pelo menos a aparecer assim. Depois havia o "Chá das 6" que era apresentado entre outros pela Alice Cruz e por outros produtores. Era um programa que dava oportunidade a novos valores, sim, mas não se cantava música africana mesmo. Cantava o Liceu Viera Dias, cantava a Garda, cantava a...

MM: E eles cantavam aonde no início?

RI: Em festas, nos quintais, naquelas festas que haviam oficiais ou então nas nossas farras nos quintalões que eram tão bom...haaa...

MM: Então assistiam as farras aqui? no B.O e tal...

RI: Tínhamos...claro tínhamos e ficavam as mais velhas a tomarem conta, haaa era tão bom [risos]

MM: E como é que foi? Qual era o ambiente nas festas?

RI: Era um ambiente fantástico. No fundo é um ambiente de família, um ambiente de comunidade, todos se conheciam mais ou menos.

[interrupção]

MM: Então estávamos a falar das farras nos quintais...

RI: Sim, das farras nos quintais, e depois foi uma altura em que começamos a falar de coisas mais sérias, depois começou a guerra colonial - na época se chamava terrorismo - então a boca pequena se falava-se de coisas assim e depois...

MM: Dentro das farras?

RI: Sim, havia muitos jovens de cá que estudavam em Lisboa na Casa dos Estudantes do Império, eram de Angola, de Moçambique, da Guiné, de Cabo-Verde, então havia como que uma tertúlia Ultramarina que discutia o futuro, né...

MM:- E participou nestas conversas?

RI: Sim em muitas, muitas vezes. Depois em Paris nasce através do Mário Pinto de Andrade...conhecemos o Dr. Camara Pires que estava na delegação de Angola na rua Hipolito Montron, nós chamamos embaixada de Angola no exílio, e na altura nós colaborávamos. Nós, o Duo Ouro Negro, nós o Duo e Ouro Negro dávamos uma parte do dinheiro que ganhávamos nos espectáculos para ajudar. Passavam lá tantos jovens e depois haviam lá tantos jovens e havia outros a estudar e tudo isso. Uns foram para Praga, para Dbrodem, uns ficaram em Paris, outros foram para Freiburg, para vários sítios, né...

MM:- Isto nos anos 60?

RI: Nos anos 60 e nós apoiávamos também. Davamos uma parte do dinheiro ganhávamos ao Dr. Camara Pires e para as despesas, e o Mario Pinto de Andrade era o nosso grande amigo e nós víamos cá à Angola e tínhamos muitos problemas porque quando nós chegamos aqui éramos logo chamados a inspecção dos espectáculos e exigiam que nós dessemos um programa prévio de tudo que íamos cantar e que íamos dizer, tudo escrito...

MM: As letras...

RI: Até do que íamos dizer, percebe?

MM: Hamm apresentação também, e isto foi aonde? Onde é que eles situavam?

RI: Cá em Luanda, cá em Luanda...

MM: Mas na esquadra? na Pide? no São Paulo?

RI: Não, nós iamos. Mandavam-nos chamar e nós iamos, no São Jose Lopes, iamos a expensão dos espectáculos e depois iamos a...tinhamos que entregar uma copia na expensão dos espectáculos e outra cópia tinhamos que dar a...mas nós depois de termos feito o Olimpia e termos cantar a Londres, ao Paladium, ao Savoy, tudo isso, nós ficamos com as costas quentes, entendes? Então já estavamos mais...ha, ha, ha, ha [risos] então lembro-me que em 1972 fizemos um espectáculo chamado “Santos de Casa.”

MM: Fizeram isto aonde?

RI: “Santos de Casa,” em que falamos de Alda Lara, de Viriato da Cruz, dos nossos poetas e o jornal governamental na altura, o Diário de Luanda, deu-nos um grande pau.... “ééé pensam não sei o quê...atrevidos...ainda por cima cantam mal”...[risos]

MM: Isto foi no jornal de Angola?

RI: Acho que foi o Diário de Luanda...

MM: Diário de Luanda em '72, acho que vou tentar ver, não se lembra do mês? nada?

RI: E tinha um outro que era a Folha de África, a Folha da África será? Não me lembro...era o Diário de Luanda ou a Província de Angola, não me lembro, era um que era muito governamental, percebe? Agora os jornais todos falavam de nós...“eeee Duo Ouro Negro foi para Olimpio de Paris, eeee Duo Ouro Negro não sei o quê...amanha o Duo Negro vai para o Huambo...amanha não sei o quê...” Nós eramos muito populares e eu acho que merecemos essa popularidade...no meu ponto de vista nós fomos pioneiros. Nós fomos cantar uma música que ninguém conhecia, que ninguém conhecia, percebe? E destacamo-nos sempre, sempre, cantamos em toda parte do mundo, cantamos.

Olha...cantamos em sítios, por exemplo eu estreiei-me, nós fomos para Portugal em 1959. Em 1965, não em 1966, nós fizemos parte do maior espectáculo feito em Paris no Alhambra, “Rendezvuos avec Danny Kay.” O espectáculo apresentado pelo Danny Kay e pelo Maurice Chevalier, a favor da Unicef, olha, só pra dizer como era: Na entrada Marlon Brando a servir-te uma taça de champanhe - tu não dizes que não - depois mais a frente tinha a Michel Moraban com um tabuleiro com charutos e a Elizabeth Taylor acendia – “ta-da!” Cada charuto custava –ah - uma fortuna! E a Shirley Maclaine e o espectáculo era fabuloso. Abria com a banda de Glasgow, a tocar o hino da Euro Visão aquele...(cantando)...tocam lá na Europa e depois era a Orquestra Filarmonica de Londres, dirigida pelo Carrion a tocar Acopelia e era dançada pelo George Chakiris, a primeira bailarina do bailarinado Copenhagen, eu e a Leslie Caron. E depois tinha o GBA que vinha fazer uma...vinha cantar e dizer o não sei que, que vinha cantar e dizer não sei o quê, depois era o Danny Kay que fazia um sketch com Maurice Chevalier, depois era...a Juliete Karicot depois nós o Duo Ouro Negro, iamos cantar, depois os artistas todos. Agora o espectáculo eram 20 artistas – o espectáculo - e depois lá eram mais 100 artistas, todos conhecidos, fantástico! Para mim foi um espectáculo mais grandioso e foi nessa altura que eu conheci muito bem a Maria Callas e eu ia todos dias com a Maria Callas par opera aprender ballet, para fazer abertura do Acopelia. E depois foi nesta altura que eu conheci o Popov e foi o Popov que nós levou a primeira vez a Russia.

MM: E como é que decidiu ficar em Lisboa depois da independência de Angola?

RI: Isso é uma historia. Todos nós ambicionavamos vir para aqui mas a revolução que houve em Portugal, foi uma revolução que embora não fosse violenta foi também violenta. E depois coincidiu com a independência dos países com as guerras civis de Moçambique, de Angola e com muita coisa percebe? Era....nós tínhamos a nossa missão. Olha no dia da independência de Angola nós estávamos a cantar em Sydney no Opera House, dia 11 de Novembro de 1975, cantamos no Opera House em Sydney. Então o clima era muito instável, havia muita impreparação e por isso mesmo havia...dizia-se muita coisa que não se devia dizer, fazia-se muita coisa que não se podia fazer e nós também tínhamos os nossos compromissos já com 2 anos de antecedência - já sabíamos onde é que iam os - mas seguíamos atentamente tudo o que se estava a passar aqui e depois houve uma altura - já não foi possível vir porque na altura a situação política não era realmente favorável e, prontos, nós não viemos.

Entretanto o Milo morreu...e depois...O Milo era um homem, ele era fantástico: era um ótimo jogador de futebol, era um cantor brilhante - tinha uma voz extraordinária - e era um homem que se interessava muito por política. Eu também me interessava muito por política, só que eu...é diferente, o Milo gostava de participar, gostava de ter...como é que vou dizer...ele gostava de participar nas conversas e gostaria de poder actuar também. Mas em Portugal havia muitas revoluções ao mesmo tempo, a de Portugal, a de Angola, a de Moçambique, a da Guiné - tudo ali, percebe? Então toda a gente falava, toda a gente dizia, mas toda a gente, como se costuma dizer, "arrotava postas de pescada" que é toda a gente sabia de tudo, que também não era bem assim, agora esta tudo ok, pelo menos agora.

Eu acho que no dia em que esta guerra acabar isto vai transformar-se tanto. Primeiro vai descongestionar-se. As pessoas vão voltar para as suas terras, vão poder outra vez...Eu tenho uma pintura que se chama "Terra Prometida" e que é uma coisa muito bonita, grande - que tem milhares, milhares e milhares de pessoas a caminhar para um vale onde não tem nada. Eles vão lá para transformar aquilo tudo, chama-se a "Terra Prometida." Eu acho que estamos todos a espera que a porta abra para ir-mos todos para terra prometida. A guerra tem sido nefasta, nós temos gerações atrasadas já. As crianças que não sabem nada, os adolescentes que não sabem nada mesmo gente crescida que não sabe nada. E com o dinheiro da guerra depois vai se poder fazer tanta coisa - escolas, principalmente escolas. A riqueza de um povo, a maior riqueza de um povo, é a sua cultura. E se essa riqueza não é trabalhada o povo fica pobre, será dominada sempre por outros. Eu estou muito esperançado, claro que cada vez que eu venho à Angola encontro mudanças, graças a Deus para melhor, agora estou francamente entusiasmado. Só tenho realmente um desgosto que é a desminação ainda não estar completa, percebe? Como é possível? Eu tenho um poema em que falo...baseado nos meninos do Huambo. Tenho um poema que fala "era uns meninos que viviam alegres na sua terra e iam a escola com a sacola ao ombro e voltavam para casa e a mãe dava lanche, pão com quifufutila, goiabada e depois faziam os trabalhos, quando o pai chegava, contava as coisas e eles ouviam entusiasmados. Epa, depois iam para cama dormir e viam a lua da janela pendurar-se lá no galho da árvore do quintal e então sonhavam pa com coisas pa, como é bom ser menino ter pai, ter mãe, ter pão, ter escola, correr, jogar a bola e viver sem ter medo de nenhum papão. Mas um dia o papão chegou. Era a guerra: golosa com dentes de minas antipessoal. Então comeu a casa, comeu os amigos, comeu o campo, comeu a bola e comeu as pernas deles e como será ser menino sem pai, sem mãe, sem a escola, sem poder correr, sem jogar a bola e viver com medo de um papão. E um dia uma princesa de um país distante, como nos contos de fadas, veio à Angola e ficou muito triste por ver que as crianças já não tinham bola para brincar. Então voltou para o mundo e pediu aos países todos para não fabricarem mais minas anti-pessoais. Então os países todos reuniram-se a

volta de uma grande mesa, uns disseram sim, outros assim, assim, America e a China disseram não. Como será ser menino sem pai, sem mãe, sem pão, sem escola, sem poder correr, nem jogar a bola e viver com medo do papão.”

Agora o campo musical é muito fértil aqui, muito fértil. Agora estamos na época do rap. É uma época, depois o rap fica e vão nascer outras coisas, no tempo havia o sangazuza e tanta coisa já havia o ku duro.

MM: O que é o sangazuza?

RI: Sangazuza era uma música que nós dançávamos, a maneira de dançar sangue azul [faz sons] e era muito bonito quando viamos pedir uma música para dançar e dançávamos junto. Haaa sangazuza era fantástico. Tinha muitos bons compositores, muito bons compositores: Ana Maria Mascarenhas, por exemplo. Foi ela que escreveu a “Maria Provocação,” por exemplo, haaa temos tantos poetas e tantos músicos, muitos, muitos - são tantos que a gente já não...

MM: E como é o ambiente da comunidade de Angolanos em Lisboa em termos culturais?

RI: A diáspora, sim, temos...o ambiente é bom. Encontramo-nos muitas vezes em vários sítios. Há muitos pintores lá também. Há muitos pintores Angolanos lá...escritores, encontramos muitas vezes, o ambiente é bom, alias os Africanos gostam muito de se encontrar.

MM: Mas por acaso sei que há muitos músicos, os mais conhecidos, quase todos.

RI: Sabe porquê? Sabe porquê? Por exemplo, eu quando vier morar para Luanda vou ter que estar a sair constantemente porque eu por enquanto não posso abandonar os meus espectáculos e os meus espectáculos não são aqui. Aqui também vou ter né? Mas os espectáculos não são aqui. Eu vou ter que cantar em Paris, em Londres. Vou ter que ir à Tokyo, vou ter que ir sei lá à Praga, à Vancouver, percebe o que é? E então é muito caro daqui pra lá. Alias foi isso que me fez naquela época, nos anos 60...nós ficamos em Lisboa por causa disso. É muito mais barato fazer Lisboa-Paris, que Luanda-Paris. Alias que na altura só podias viajar no avião da TAP. Para ires daqui a Kinshasa, tu tinhas que fazer Luanda-Lisboa, Lisboa- Kinshasa, percebes?

MM: Isso é um crime...

RI: Claro que era um crime, mas era assim e então os empresários diziam: epa, se vocês tivessem em Lisboa e nós dizíamos pronto vamos ficar em Lisboa e ficamos [interrupção] sempre em contacto com Angola, sempre, sempre...e pronto. Eu acho que agora há uma importância muito grande, o estado Angolano, o governo Angolano está a dar uma importância muito grande à educação, à cultura e isso é muito bom, isso é muito bom porque o maior veículo é esse.

MM: E qual na altura era a influência, se houve influência, da música Zairence na vossa música?

RI: Ai não tínhamos...

MM: Mas aqui em Luanda?

RI: Sim havia...pouca. Nós estávamos mais influenciados aqui em Luanda era no calafo – quer era da Venezuela – mais influenciados na America Latina. Tínhamos, ouviamos os discos do

Ngoma...[faz sons e canta]...mas o nosso ritmo era diferente, o nosso ritmo era...[faz sons]...era muito diferente, era mais frenético...Olha...

MM: Isso do sul? Este ritmo do sul?

RI: O nosso ritmo daqui - semba, e tudo isso...eu digo uma coisa...eu tive a sorte de viver no interior e ouvir um grupo de tchianda a tocar. Tchianda, tchicela, outra coisa é fantástico. Ouvir um bom tocador de nicotela, maravilha. Luanda hoje em dia congrega muitos músicos de várias origens, só que todos eles estão a tocar a mesma coisa: o tal zouk, percebe? A não ser, por exemplo...gosto imenso do ballet, o Kilamdukilo - adoro o Kilamdukilo - e os acompanhantes do Kilamdukilo, maravilha, acho aquilo fantástico. Aquilo é a expressão natural de Angola. É o respirar do África! Aquele movimento sensual, as mulheres, aquela entrega, aquele sorriso, isso é que é! Então eu acho, baseado nisso, devia haver uma corrente melódica grande e não há, não há.

MM: Ya, há pequenos movimentos...

RI: Há pequenos movimentos e costuma se dizer “devagar se vai ao longe,” mas olha, há boa gente ai a cantar, bons músicos, há sim senhora. Angola é muito rica até em isso. Alias, é engraçado, quando nós começamos a cantar nós não tínhamos nome, não tínhamos nome. Quando formamos o duo nós não tínhamos nome e depois então ouvimos na rádio dizer assim: “Angola é muito rica em ouro negro” e puseram uma gravação nossa a tocar e nós dissemos “ohh somos nós! Ohh olha nós a cantar!” E depois a locutora dizia: “mas agora é ainda mais rica, só que o Ouro Negro em vez de brotar do chão como o petróleo, ou das arvores como o café, brota da garganta de dois jovens o Raul e o Milo - o Duo Ouro Negro.” Nós dissemos “olha!”[o nome] ficou o Duo Ouro Negro...

MM:- Então foi a rádio que deu o nome...

RI: Não, foi a Maria Lucilia Pitta Gros. É da revista Notícia, o...olha não me lembro do nome assim de repente...ai pa...

MM: Eu por acaso estava a ler Notícia na biblioteca e encontrei muitos artigos sobre vocês.

RI: Havia uns artigos até que eu escrevia dos Estados Unidos para cá - em 1970: correspondia “America America,” era o titulo dos artigos.

MM: Vou procurar, só comecei nos anos ‘67 e ‘68, e como tem uma colecção completa é um bocado trabalhoso, leva muito tempo ver.

RI: “America, America”...Fiz uma crónica do Duluth Superior. Comecei em Chicago, Grand Rapids e Duluth. Em Grand Rapids fomos cantar - é a terra da Judy Garland - e cantamos no teatro...ahh não me lembro, tantos teatros...imagino, nós iamos para fazer espectáculos da “community concerts” então aquilo todos os dias às 8 da noite, nós 1 hora e meia de espectáculo, sempre falamos de Angola, das nossas coisas. Era muito bonito, muito giro e depois tínhamos uma música que nós brincávamos muito, uma música que nós chamávamos “o Cavalheiro Solitário” que era uma canção de cowboys e nós cantávamos “o Cavalheiro Solitário” e misturávamos um bocado o hino da sussesão...[canta]

MM: De quê?

RI: O hino da sucessão aquele...(ele faz sons)...e as pessoas adoravam e riam connosco. Nós fazíamos também Tiroles. Começamos a cantar assim... “pela estrada vou cantando/ sou um triste cavalheiro solitário/ trabalhando sem horário/ uma rês que se perdeu vou procurando/ eu canto para não viver tristonho/ pois o meu grande amor foi só um sonho”...e depois “ohhh...le ...ri...riti” [ele faz mais sons] mas com um ritmo que pa...pa...na America, era fantástico! Tínhamos um sucesso, mas uma coisa bestial! E depois nós quando falavamos nessa canção “o Cavalheiro solitário,” nós dizíamos assim, “nós em África não temos vacas, portanto não temos cowboys, temos Buffalos e temos Buffalos Boys, que são os primos do Buffalo Bill” – brincávamos assim, sempre assim. Depois falavamos muito à sério também: tinha uma ocupação portuguesa, uma ocupação holandesa, alemã e inglesa. Falavamos da Africa austral mas sobretudo coisas culturais ligadas a Angola e Moçambique. Falavamos de nossas relações ancestrais, nossos rituais do passagem, né? E as pessoas sempre muito interessados.

Lembro-me uma vez em Boston fizemos espactáculos e depois houve um cocktail. Houve um cocktail e tinha um piano lá. Eu “olha! Um piano!” fui sentei me ao piano e comecei a tocar o Chopin e não sei que...e eles vieram e disseram: “onde é que você aprendeu tocar piano?” E eu: “em Angola.” [eles]: “Em Angola. Chopin?” [eu]: “Sim.” [risos]

Temos criticas fantásticas! Por exemplo, quando fomos cantar no Hollywood Bowl, eh! Era muito bonito. Tinha o Lou Herman que era do Bluebird...Lou Herman dizia que nós eramos assim como um pow de um choque [faz sons] de 200 volts! A plateia estava a dormir até a gente entrou. O espectáculo estava a correr tudo bem e nós entravamos e “pow” – que é isto!

E quando fizemos também em Las Vegas o...o...como é aquilo?...aquele locutor que já está lá não sei quantos anos...epa...eu nem me lembro...daqui a um bocado me lembro...mas agora não! Como é que chama aquele que apresenta as Miss...a “Miss America?”

MM: O Bob Barker? Não foi? No tempo...que também foi apresentador num programa de televisão.

RI: Fizemos um concerto do Natal muito bonito. Com a Lyington Price. White Christmas! Tão lindo que nós cantavamos. Cantamos coisas do Natal e cantamos coisas em Bantu daqui. Tão lindo. Estas coisas foram muito importantes.

Portanto, o mais importante foi ter levado a música de Angola pra fora.

MM: Ya, acho que sim. É isto que vocês chamavam da vossa missão?

RI: Quem me dera que todos tivessem esta possibilidade. Agora é mais difícil. São muitos. Em todo o mundo é muita gente. Por exemplo, fazer uma carreira com eu fiz...hoje em dia não. Hoje em dia não...porque era assim...olha, por exemplo.

Em 1969 fizemos uma série de espectáculos – era a Diana Ross e os Supremes, eramos nós – o Duo Ouro Negro – era uma cantora francesa...a Nicoletta, Nicoletta...e mais, Iuri da Amor (?). Isto foi em 1968. Em 1970 chegamos a Nova Iorque e telefonamos a Diana Ross, e ela disse “oh, eu tenho uma festa girissima. Querem vir porque eu vou?” Então fomos com a Diana Ross à festa. Ela era a madrinha de um grupo – que eram o Jackson Five! Estas historias sao fantásticas, né? [risos]

MM: [risos] ya, ya, ya...

Outro dia em Lisboa fui ver a Diana Ross, no Casino Estoril pá, percebe, não via Diana Ross há 8 anos a via, 8 anos que não a via – porque encontramos entretanto na Suíça – e mesmo estas artistas que fizeram estas carreiras, né...hoje em dia é muito difícil um artista fazer isto. Tem uma vantagem. Hoje em dia um artista grava um disco e (bate na mesa) “pum” ...em CD

MM: Pode ser conhecido...

RI: Pa! No nosso tempo não era assim. Gravava o disco e depois ia não sei para onde, onde, onde. Só ao fim de 3 meses ou 4 meses e então que começavam as discográficas todas a fazer o teu lançamento. Hoje fazes antes do disco sair. As discográficas estão todas paradas. Mas infelizmente nem todos têm essa sorte. Há artistas muito bons que ficam por caminho...muito bons mesmo. Uns mais tímidos e tal. Mas acho que todo artista que tenha consciência mesmo do que está a fazer – canta bem e que está a fazer um trabalho bom, ah, consegue vencer sempre...em todos os cantos. Depois em esta terra onde temos poetas maiores como Manuel Rui Monteiro por exemplo...ah, não é? Eu espero fazer um trabalho com ele...um trabalho em conjunto com ele.

MM: Muito interessante. Tá bom. Não quero roubar mais do seu tempo.